



O recurso meta como ação cognitiva para o desenho de um documentário não representacionista¹ **The meta resource as a cognitive process to drawing a non- representational documentary**

Luciana Kraemer da Silva²

Cleci Maraschin³

Vanessa Mauren⁴

Palavras-chave: cognição; metadocumentário; enação; representacionismo.

No trabalho proposto, objetiva-se abordar aspectos cognitivos ligados ao desenho de uma produção documental em uma perspectiva que se contrapõe à corrente representacionista, predominante nas teorias da cognição e referência para os estudos do cinema documental. Para o cognitivismo representacionista, o conhecimento é recuperação, reprodução de um fenômeno a partir de um modelo mental. Já a teoria enativa, nos possibilita pensar nos processos cognitivos como a experiência de sermos constituídos biologicamente a partir do que a filogenia da nossa espécie tem produzido a milhares de anos. Ao mesmo tempo, somos o que estamos produzindo nas interações

¹ Trabalho apresentado ao II Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais. PPGCC-Unisinos. São Leopoldo, RS – 8 a 12 de abril de 2018.

² Professora dos cursos de Jornalismo e de Cinema da Unisinos. Doutoranda no Programa de Pós Graduação em Informática na Educação (PGIE) UFRGS, na linha de pesquisa Interfaces Digitais entre Educação, Arte, Linguagem e Cognição. Paralelamente, integra o Núcleo de Pesquisa em Ecologias e Políticas Cognitivas. Tem mestrado em Ciências Sociais e graduação em Jornalismo. luciana.kraemer@gmail.com

³ Graduada e licenciada em Psicologia, com mestrado e doutorado em Educação (UFRGS).

⁴ Possui graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2003), Mestrado Em Psicologia Social e Institucional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2005) e Doutorado em Informática na Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2010).



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

com o meio ao longo de nossa existência (ontogenia), modificando e sendo modificados pelo mundo em uma circularidade que compromete e indissocia ambos, sujeitos e mundos. No artigo, reunimos pistas para defender que o metadocumentário (ação de colocar o filme no filme) abre possibilidades para ver o conhecimento pela lente da enação, como um processo formado por constantes modificações, refletindo sobre o fazer no curso deste fazer, envolvendo formas cognitivas constituídas e a desestabilização de outras para criação de questões. Para dar conta da proposição, o artigo será dividido em 5 seções: notas sobre a teoria enativa; os sentidos de acoplamento e tempo para a cognição; a representação no documentário; a ação meta de colocar o filme no filme; considerações finais. No desenvolvimento do artigo, se pretende incluir exemplos da filmografia documental.

1. Cognição como ação de fazer-emergir um mundo

Varela (S/D) entende que um dos grandes desafios para a ciência da cognição é suplantando o pensamento enraizado na tradição científica de que o mundo tal como percebemos é independente de quem o percebe, daí a necessidade de representá-lo. Para avançar, ele explica que distingue duas noções de representação: com sentido fraco e forte. No fraco (não controverso à enação) a representação é interpretação, construção sobre algo a partir de um estado qualquer. Quando digo “este documentário é sobre a vida de Nina Simone”, parece claro que a representação aqui se situa como algo a propósito de outra coisa, e encontra confirmação do interlocutor: não há dúvidas de que o documentário é sobre a cantora americana, pois a vemos no filme da infância à fase adulta. O sentido forte ocorre quando a representação mental é tratada como modelo para a ação cognitiva das propriedades de um mundo preestabelecido incluindo questões como linguagem e percepção (Varela et al.,1991). A abordagem enativa é de circularidade entre o agir e o saber. Aquele que sabe e o que é sabido coemergem da ação corporificada pois o conhecimento depende das experiências de termos um corpo situado. São as recorrências motoras que guiarão a ação perceptual, o modo como se



II Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

pode agir e ser modulado pelo ambiente (contexto biológico, psicológico e cultural). A percepção é um dos mecanismos que formam a cognição. No representacionismo, o ponto de referência da percepção é a realidade preexistente. Na teoria enativa, a referência é o modo como o sistema nervoso estabelece ligação entre as superfícies sensoriais e motoras do perceptor. Daí a proposição enativa de que ação cognitiva cria o mundo. Criação aqui no sentido literal, de dar existência, dar origem. Assim, não é o mundo que oferece os estímulos para os sujeitos cognoscentes, são os movimentos precedentes dos sujeitos que resultam na configuração dos mesmos ao ambiente externo. O comportamento, no lugar de ser reativo, passa a ser também performático. E o ambiente coemerge a partir da realização ou daquilo que podemos efetuar em conjunto.

2. O conhecimento inscrito no tempo

Seguindo a teoria enatista, se o conhecimento é ação a aprendizagem pode ser compreendida como modificação estrutural a partir da experimentação constante de novos acoplamentos com o meio, seja este meio social, técnico, biológico. Acoplar é diferente de adaptar, pois adaptar-se remete à capacidade de viver no ambiente, já acoplar-se prevê dupla especificação, a nossa e a do meio. As Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) nos oferecem inúmeras ações cognitivas, pois somos desafiados a produzir distintos acoplamentos (tecnológicos, sociais). O audiovisual, e em especial o documentário, nos dá a chance de experienciar (aprender) novas formas de ser e estar no tempo, seja pelo aspecto cronológico de controle de tarefas e ações, seja no que oferece de possibilidade de fruição. Nos possibilita ainda pensar a cognição como estrutura em constante movimento, não determinado ou preexistente, e firmado no presente onde se dá ação. Presente não como dissociado do passado que recém foi, mas como nos diz Kastrup (2015), como movimento de virtualização de novas formas cognitivas constituídas, “as condições de cognição guardam uma tensão entre formas constituídas e forças de instabilização das mesmas formas” (p.97). Para Virgínia



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

Kastrup, que tem em Francisco Varela e Henri Bergson intercessores, é preciso pensar na cognição não como solução de problemas, mas como invenção, colocação de questões, criação contínua de formas.

3. Documentário para além da (?) representação

Para o teórico no campo documental referenciado nos cursos superiores de cinema e jornalismo, Bill Nichols, é pela representação que o documentário se engaja no mundo, e o faz, primeiramente, pela capacidade que tem o audiovisual de registrar os acontecimentos: “vemos lugares e coisas que poderíamos ver por nós mesmos fora do cinema” (Nichols, 2005, p.28). A representação também está presente na fala de Jorge Furtado ao se referir ao documentário: “um documentário representa uma vida, como uma pintura representa uma cadeira, e a cadeira existe, tem vida real”. (Coutinho et al., 2014, p.156). Ambos documentaristas avaliam que essa representação não se dá por decalque, e sim, a partir de uma construção, um arranjo a partir de elementos que nem sempre ficam a mostra do público. Nichols, por exemplo, apesar de destacar o poder indicial da imagem, alerta sobre as limitações da representação, como o fato da imagem não poder falar por si própria, ou pelas possibilidades de manipulação em qualquer momento do processo. O fato de que supostos pontos de vista possam ser “desvirtuados” são apontados por Ramos (2008, p.29) como um risco próprio do gênero: “Podemos criticar um documentário pela manipulação que faz, das asserções que sua voz estabelece sobre o mundo histórico, mas isso não lhe retira o caráter de documentário”. Conforme apontado na seção 1, entendemos que a noção forte de representação está ligada a dois pressupostos que se fundem nos entendimentos dos documentaristas: a de que é passível de manipulação, e de que o referente do gênero é o mundo histórico. Manipular é sinônimo de adulterar, distorcer. Só é possível distorcer algo que já tem forma preexistente e definida, a realidade (sinônimo de mundo histórico) tomada como única. Pela lente enativa, entendemos que não há como separar os processos dos produtos que produzem, nesse sentido não há o mundo histórico, há o



II Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

mundo criado pela ação documental. Trata-se menos de interpretar o conhecimento sobre uma realidade, e mais de atuar com máquinas audiovisuais, instituições, culturas, modificando e produzindo novas realidades. A nossa hipótese é de que a metalinguagem nos dá abertura para pensar no documentário como ação cognitiva a partir da enação.

4. A exploração de um campo ontológico: o metadocumentário

No campo da realização documental, a ação meta tem referências consolidadas, e uma das mais significativas – para ficar no âmbito nacional – é o filme *Santiago* (2007), em que João Moreira Salles filma o processo de contar a história do mordomo de sua família. No campo teórico, as reflexões são esparsas e convergem para a mesma compreensão: é o documentário que fala de si. Para Nichols (2005) é um subgênero que tem como marca a reflexão sobre como se está filmando o que está sendo filmado, e se constrói problematizando o processo de criação: “é o modo de representação mais consciente de si mesmo e aquele que mais se questiona” diz (p.166). Ainda segundo o autor, é um documentário que se desnuda seja do ponto de vista estético (visibilização do set de filmagem, da câmera gravando, dos documentaristas) e também ético, ao trazer os problemas de representação do outro (questionamentos, conversas sobre o fazer) revelando os caminhos trilhados no processo. Para Machado, é o subgênero que tem como tema sua própria justificação: “o mundo, as razões que ele alega, as instituições que o promovem e os fins a que se destina” (MACHADO, 2011, p.13). Já a lente filosófica deleuziana vê a ação de colocar o filme no filme como uma forma de narrar típica do pós-guerra e compatível com o cinema-tempo, instalando um regime muito estreito o atual e o virtual, proporcionando uma indiscernibilidade entre um outro. O real se apresenta pelo que se configura (atualizado), mas também como potência do que poderia vir a ser. Deleuze (2013) nos diz que em todas as artes a obra dentro da obra esteve ligada a uma necessidade de vigilância sobre o modo próprio de ser desta arte e sua crise de criatividade para a escolha do objeto. Se empregado desta forma, é preciso que esteja fundado em considerações capazes de lhe dar uma justificação mais



II Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

elevada. A justificativa, talvez seja a própria necessidade de escapar de um referente externo como modelo de conhecimento, ampliando as possibilidades de entendimento deste mundo que é criado pelo seu processo. Há nesse aspecto, uma preocupação cognitiva, própria das operações metalinguísticas. Interpretar o signo usando outros signos é uma operação básica da vida humana, pois nos auxilia a nos movimentarmos na linguagem, dominar seus códigos, entender como se combinam e ainda traduzi-los a partir na nossa própria vivência na língua. Foi o que apontou o linguista russo Roman Jakobson (2001), para quem a metalinguagem é uma das funções da linguagem.

5. Considerações finais

É esse aspecto da visibilidade de uma ação cognitiva que nos interessa mais especialmente. Mas diferentemente de Nichols (2005) entendemos que a ação meta, no lugar de permitir que se veja as questões da representação do outro (mundo como coisa ou pessoa), nos dá chance de conhecer as experiências de criação do mundo a partir do audiovisual, e de como o processo dessa criação está imbricado no que foi criado. Nossa hipótese é de que a metalinguagem abre caminhos para questionar uma visão representacionista do conhecimento, visibilizando os domínios que concorrem para estabelecer os critérios de validação que atuam de maneira circular na formação da conduta, no caso, a própria filmagem. Assim, se a lente for a cognição como enação, no lugar de direcionarmos o foco para um recurso com função de linguagem para compreensão do código referente, ajustamos o foco para as ações que tornam visíveis as condições de cognição possibilitadas por formas constituídas (aprendizagens já sedimentadas) e outras que são desestabilizadas, como a própria indissociabilidade entre o que conhece e o que se quer conhecer.

Referências bibliográficas



II Seminário Internacional de Pesquisas em **Midiatização** e Processos Sociais

COUTINHO, E.; XAVIER, I.; FURTADO, J. Debate: o sujeito (Extra) ordinário. In: LABAKI, A.; MOURÃO, M. D. (Orgs). **O cinema do real**. São Paulo: Cosac Naify, 2014. p. 97-141.

DELEUZE, G. **A imagem-tempo, Cinema 2**. São Paulo: Brasiliense, 2013. 1. ed. 1990.

JAKOBSON, R. **Linguística e comunicação**. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 2001.

KASTRUP, V. A cognição contemporânea e a aprendizagem inventiva. In: KASTRUP, V.; TEDESCO, S.; PASSOS, E. **Políticas da cognição**. Porto Alegre: Sulina, 2015b. p. 91-110.

MACHADO, A. Novos territórios do documentário. **Doc On-line**. n. 11, dez. 2011. Disponível em: <http://www.doc.ubi.pt/11/dossier_arlindo_machado.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2016.

NICHOLS, B. **Introdução ao documentário**. Campinas: Papirus, 2005.

RAMOS, F. P. **Mas afinal... o que é mesmo documentário?**. São Paulo: SENAC, 2008.

SANTIAGO. Direção: João Moreira Salles. Produção: João Moreira Salles, Maurício Andrade Ramos, Raquel Freire. Rio de Janeiro: Videofilmes, 2007. DVD (107 min).

VARELA, F. **Conhecer. Ciências Cognitivas: Tendências e Perspectivas**. Lisboa: Instituto Piaget, (s/d)

_____ THOMPSON, E; ROSCH, E. **A mente incorporada: ciências cognitivas e experiência humana**. Porto Alegre: Artmed, 2003.